

ISSN - 2175-6600

Vol.17 | Número 39 | 2025

Submetido em: 15/03/2025

Aceito em: 05/12/2025

Publicado em: 19/12/2025

Ludicidade com literatura para as infâncias: o brincar na construção da identidade racial

Ludicity with literature for children: playing in the construction of racial identity

Ludicidad con la literatura para las infancias: o jugar en
La construcción de la identidad racial

Samara da Rosa Costa¹
Lucimar Rosa Dias²



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2025v17n39pe19318>

Resumo: Este artigo aborda a escuta de crianças do 1º ano do ensino fundamental de uma instituição pública de Curitiba-PR, e suas impressões ao entrarem em contato com a leitura e a apresentação de livros para a infância que abordam a cultura africana e afro-brasileira, cujas autorias, tanto de texto quanto de ilustração são de pessoas negras. As conclusões resultam de uma pesquisa qualitativa de pesquisa-ação. Os dados foram gerados por meio de registro em caderno de campo, filmagens e fotografias, e a reflexão foi guiada pela metodologia organizada no grupo de estudos ErêYá/UFPY, intitulada Análise Crítica das Narrativas e Atribuição de Sentido (ACNAS). Uma categoria que surge dos dados foi o Brincar, na qual constatamos que a leitura e as ilustrações influenciam as interações das crianças nas linguagens oral e corporal, trazendo personagens negros para suas experiências lúdicas e de socialização. Tal movimento constitui-se numa ruptura do dispositivo de racialidade, pois inclui no imaginário infantil pessoas negras, dentre aquelas que podem e produzem conhecimento.

Palavras-chave: Literatura para as infâncias. Literatura Infantil. Educação para as relações étnico-raciais

¹Universidade Federal do Paraná. Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8420439326360813>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4914-115X>. Contato: professorasamara.costa@gmail.com.

²Universidade Federal do Paraná. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3476684741346049>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1334-5692>. Contato: lucimardias@ufpr.br.

Abstract: This article discusses the experiences of children in a public school in Curitiba, Paraná, in the first year of elementary school, and their impressions when they come into contact with reading and are introduced to children's books about African and Afro-Brazilian culture, authored by Black people, both in text and illustrations. The conclusions are the result of a qualitative action research study. The data were generated through field notes, filming, and photographs, and the reflection was guided by the methodology organized by the ErêYá/UFPR study group, entitled Critical Analysis of Narratives and Attribution of Meaning (CANAM). One category that emerged from the data was Play, in which we found that reading and illustrations influence children's interactions in oral and bodily languages, bringing Black characters into their playful and socialization experiences. This movement constitutes a rupture in the raciality device, as it includes Black people in the children's imagination among those who can and do produce knowledge.

Keywords: Literature for children. Children's literature. Education for ethnic-racial relations

Resumen: Este artículo trata sobre la escucha de los niños en una institución pública de Curitiba-PR, del primer año de la enseñanza fundamental, Años Iniciales, y sus impresiones al entrar en contacto con la lectura y la presentación de libros para las infancias de temática da cultura africana y afrobrasileña, cuya autoría, tanto en ilustración como en texto son de personas negras. Las conclusiones resultan de una pesquisa cualitativa de investigación-acción. Los datos fueron generados por intermedio de apuntes en cuaderno de campo, videos y fotografías, siendo que la reflexión fue guiada por la metodología, organizada en el grupo de estudios ErêYá/UFPR llamada, Análisis Crítico de las Narrativas y Atribuciones de Sentidos (ACNAS). Una categoría surgió de los datos fue el jugar, siendo que constatamos que la lectura y las ilustraciones influyen en las interacciones del lenguaje oral y corporal de los niños, incorporando personajes negros a sus experiencias lúdicas y de socialización. Este movimiento constituye una ruptura del dispositivo de la racialidad, ya que incluye a los negros en la imaginación de los niños entre aquellos que pueden producir conocimiento y lo hacen.

Palabras-clave: Literatura para las infancias. Literatura infantil. Educación das relaciones étnico-raciales

1. INTRODUÇÃO

A literatura para as infâncias desempenha um papel fundamental na formação da identidade e na construção de representações sociais entre as crianças. Neste contexto, o presente artigo se origina de uma pesquisa de dissertação intitulada “*Profe, deixa eu falar? : o que dizem crianças negras e não negras do 1º ano do ensino fundamental sobre histórias, ilustrações e autores(as) de livros de literatura para as infâncias de temática afro-brasileira e africana*”. A investigação tem como foco central a análise das percepções e reações de crianças de diferentes etnias em relação a obras literárias que abordam a temática africana e afro-brasileira, considerando a importância da representatividade negra nas narrativas e ilustrações.

Os objetivos específicos da pesquisa foram organizados em três eixos, primeiramente, conhecer a perspectiva de crianças negras e não negras acerca de livros que tratam da literatura de temática africana e afro-brasileira. Em segundo lugar, buscou-se captar as reações emocionais e os relatos das crianças quando apresentadas a fotografias de autores/as e ilustradores/as negros/as, promovendo uma reflexão sobre a identificação e a empatia que essas imagens podem gerar. Por fim, a pesquisa analisou de que maneira o contato com obras de autores(as) e ilustradores(as) negros(as) influencia as



interações sociais entre as crianças, contribuindo para que elas se reconheçam e se expressem em relação aos seus próprios pertencimentos étnico-raciais.

Para a análise e seleção dos livros, foram escolhidas três obras com base em critérios que priorizaram a representatividade negra em suas ilustrações. Essa escolha visou proporcionar às crianças uma experiência estética que valorizasse as cores e elementos da cultura afro-brasileira e africana. Entre as obras selecionadas, duas incluem fotografias dos autores e ilustradores, enquanto uma não apresenta essa informação. A inclusão de apenas uma obra sem imagens foi intencional, permitindo que as crianças expressassem se a ausência de representações visuais impacta ou não sua relação com a literatura apresentada.

A partir das etapas metodológicas desenvolvidas e do problema de pesquisa que suleia³esta investigação acerca do que dizem as crianças sobre histórias e imagens de livros de literatura com a temática africana e afro-brasileira voltados para a infância, daremos ênfase à categoria do "Brincar" com a finalidade de explorar como as interações lúdicas com a literatura podem não apenas fomentar a imaginação, mas também influenciar a percepção das crianças sobre suas identidades étnico-raciais. Ao adentrar nesse universo, buscamos contribuir para um maior entendimento de como a literatura pode atuar como um agente de transformação social, promovendo diálogos e reflexões acerca da diversidade cultural e da valorização das identidades negras na infância.

2. TESSITURA DE CONHECIMENTOS:CAMINHOS DA LITERATURA PARA AS INFÂNCIAS

Para compreender de que forma o brincar e a ludicidade se entrelaçam com as questões raciais nos livros para as infâncias, é imprescindível recapitular a história do livro de literatura infantil no contexto histórico da sociedade brasileira, mas que é conceituado por Samara da Rosa Costa (2024)⁴como "literatura para as infâncias". Segundo a pesquisadora:

³Suleador refere-se a Sulear, e foi criado por Marcio D'Olne Campos, físico brasileiro que cunhou o termo em 1991 no artigo 'A arte de sulear-se'. O termo problematiza o caráter ideológico da polarização Norte-Sul, em que se consideraria o norte como referência universal; o norte seria superior e o Sul, inferior.

⁴ A escolha de mencionar o nome completo das pesquisadoras e pesquisadores está alinhada com a defesa de Megg Rayara Gomes de Oliveira, que propõe uma educação livre de sexismo. De acordo com sua argumentação, ao referir-se a indivíduos de forma geral, é fundamental utilizar tanto os gêneros feminino quanto masculino. Além disso, ao citar pela primeira vez um/a autor/a, a transcrição do nome completo



[...] na cultura Iorubá, as infâncias têm um entendimento atemporal com uma perspectiva de uma experiência que pode ser revisitada ao longo da vida. É nesse diálogo que temos defendido que existe uma literatura para infâncias diversamente de literatura infantil, ou seja, as memórias afetivas ativadas pelas histórias me levaram a optar por utilizar o conceito de literatura para as infâncias (Costa,2024,p.41).

A opção pelo conceito de literatura para as infâncias⁵ se justifica na medida em que não desconsidera a legitimidade dos termos tradicionalmente utilizados, como "literatura infantil" e "literatura infanto-juvenil". Este novo enfoque, ao contrário do que se poderia supor, não ignora a rica história da literatura infantil, mas amplia o horizonte de compreensão acerca das produções literárias destinadas a essas faixas etárias. Essa retomada histórica permite identificar as transformações nas narrativas e representações presentes na literatura infantil, bem como a maneira como essas mudanças refletem e influenciam as dinâmicas sociais e raciais ao longo do tempo.

A literatura voltada para a infância, enquanto instrumento cultural, ajuda a construir a percepção das crianças sobre o mundo, mas também é um reflexo das estruturas sociais e das relações de poder que permeiam a sociedade. Portanto, ao investigar a intersecção entre ludicidade e questões raciais, é essencial considerar a evolução do livro infantil e seu papel na construção de identidades e na promoção da diversidade cultural na infância.

Diante do exposto, é fundamental contextualizar um aspecto significativo na trajetória histórica do livro infantil, especialmente no que se refere à análise da literatura voltada para as infâncias. As primeiras narrativas destinadas ao público infantil, em um contexto histórico, não refletiam a diversidade existente. No Brasil, a expansão colonial e imperialista das potências ocidentais durante o século XIX teve um papel crucial na disseminação da produção literária, resultando em um predomínio de histórias de inspiração ocidental. Esse cenário impôs desafios consideráveis, como a prevalência das culturas e ideias ocidentais, frequentemente em detrimento de outras tradições e narrativas.

Como resultado, os livros infantis da época refletiam as representações do cotidiano de uma parcela da população brasileira, predominantemente branca. Essa escassez de diversidade nas narrativas e ilustrações contribuiu para a marginalização de identidades étnico-raciais e culturais que não eram representadas, limitando assim a representatividade na literatura infantil brasileira. A ausência de vozes diversas nas histórias infantis não

contribui para a identificação do gênero, promovendo assim uma maior visibilidade para as pesquisadoras e estudiosas.

⁵ Para uma compreensão mais aprofundada sobre o conceito de *literatura para as infâncias*, recomenda-se a leitura da dissertação que originou este artigo “*Profe, deixa eu falar?": o que dizem crianças negras e não negras do 1º ano do ensino fundamental sobre histórias, ilustrações e autores(as) de livros de literatura para infância de temática afro-brasileira e africana*”.



apenas empobreceu o repertório literário das crianças, mas também perpetuou estereótipos e invisibilizou a riqueza cultural presente no país. Portanto, a análise crítica da literatura infantil deve incluir a reflexão sobre a necessidade de uma maior inclusão e representatividade e de modo a oferecer uma experiência de leitura que dialogue com a pluralidade da sociedade brasileira.

Ao abordarmos as produções literárias relacionadas à temática da cultura africana e afro-brasileira, fundamentamo-nos nos conceitos elaborados por Eliane Debus (2017), que afirma que

[...] atualmente no mercado editorial brasileiro estão divididos em três grandes categorias: 1) literatura que tematiza a cultura africana e afro-brasileira; 2) literatura afro-brasileira; e 3) literaturas africanas. A primeira categoria está circunscrita a uma literatura que traz como temática a cultura africana e afro-brasileira, sem focalizar aquele que escreve (a autoria), mas sim o que tematiza. A segunda é aquela escrita por escritores afro-brasileiros – mesmo com as dificuldades de delimitação, pois se trata de "um conceito em construção (Duarte, 2008). A terceira é aquela de autoria africana e traz reflexões que podem resultar em várias subcategorias, a seguir enunciadas rapidamente: literaturas africanas de diferentes línguas (língua portuguesa, língua inglesa, língua francesa, entre outras) a partir da multiplicidade linguística do continente. Literaturas africanas de língua portuguesa – o recorte de pesquisa e análise pode ser demarcado pelo país (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe) – sem adentrar na especificidade da negritude dessa literatura. Essa categoria sugere outras subcategorias, como literatura vinculada à origem oral (lenda, fábulas, entre outras) e literatura contemporânea (narrativas curtas em diálogo com a ilustração) (Debus, 2017, p. 26).

Os conceitos apresentados por Debus (2017) funcionam como orientadores na seleção de obras literárias, permitindo uma nomenclatura adequada que considera as diversas nuances relacionadas à cultura africana e afro-brasileira em livros destinados à infância.

Na década de 1990, observou-se um fortalecimento das produções literárias destinadas ao público infantil e juvenil no Brasil. É relevante destacar que, nesse mesmo período, ocorreu uma expansão dos Estudos Sociais da Infância, os quais emergiram como um campo de pesquisa significativo. O surgimento e o desenvolvimento desses estudos tiveram um impacto considerável na literatura infantil, promovendo uma reconfiguração tanto dos temas explorados quanto das perspectivas adotadas por autores e ilustradores.

Os Estudos Sociais da Infância contribuíram para a inclusão de novas narrativas e abordagens que refletem a complexidade da experiência infanto-juvenil, desafiando representações tradicionais e ampliando o entendimento acerca das infâncias. Assim, a interação entre os Estudos Sociais da Infância e a literatura infantil possibilitou uma



produção mais rica e diversificada, que dialoga com questões sociais, culturais e identitárias que permeiam a vivência das crianças e jovens na sociedade contemporânea.

Ao longo das décadas, os movimentos negros e sociais travaram diversas lutas e reivindicações, visando a valorização da cultura africana e afro-brasileira. Essa mobilização social exerceu uma forte influência na produção de livros e na abordagem dessa temática, impulsionando novos contextos e perspectivas.

Nesse processo, uma importante conquista foi a alteração da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), n. 9394/96, pelas Leis nº 10.639/03 e 11.645/08. Essas leis determinaram a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena em toda a educação pública e privada do país. Essa medida representou um avanço significativo na promoção da diversidade cultural e no combate ao racismo, uma vez que possibilitou a inclusão de conteúdos e perspectivas historicamente marginalizados nos currículos escolares.

Essa transformação legislativa, fruto das lutas e diálogos da população negra, refletiu-se na produção de livros e materiais didáticos, impulsionando uma maior valorização e representação da cultura africana e afro-brasileira. Dessa forma, a interação entre as políticas públicas e os movimentos sociais promoveu uma reconfiguração dos contextos e abordagens relacionados a essa temática. Nesse contexto, o mercado editorial começou a alinhar-se às políticas que promovem o protagonismo negro nas obras literárias destinadas às infâncias. No entanto, observa-se que o chamado cânone literário resultou na produção de livros que visam atender às exigências das normativas legais, sem um aprofundamento significativo na investigação dos elementos das culturas africanas e afro-brasileiras.

Em face da necessidade de cumprimento da LDB, os livros que abordam a temática africana e afro-brasileira emergem como instrumentos cruciais para a educação. Um aspecto relevante decorrente dessa legislação é a promoção do acesso das crianças não apenas a obras que tratam dessas temáticas, mas também à produção literária de escritores e escritoras negros.

Nesse contexto, o mercado editorial, que historicamente foi caracterizado pela escassez significativa de autores e autoras negras, começa a abrir espaço para essas vozes. Essa mudança representa um passo importante na diversificação das narrativas disponíveis para o público infanto-juvenil, contribuindo para a inclusão de perspectivas variadas e para a valorização da produção literária afro-brasileira. A ampliação desse espaço no mercado editorial é fundamental para a construção de uma literatura que refletia



a pluralidade cultural e histórica do Brasil, permitindo que as crianças se vejam representadas nas histórias que leem.

3. O PERCURSO REALIZADO COM A ESCUTA DE CRIANÇAS COM O LIVRO DE LITERATURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA

Para acessar as crianças e estabelecer uma relação entre o brincar e a literatura como fontes de interação nas questões relacionadas à raça, a pesquisa explorou a dualidade de ser, simultaneamente, a professora da turma no *locus* investigado e a pesquisadora neste mesmo espaço. Neste contexto, é fundamental destacar que a atuação de toda professora ou professor pode ser compreendida como uma forma de pesquisa que enriquece o processo educativo. A postura de pesquisadora adotada nessa ação permaneceu alinhada com a atitude da professora da turma. Durante todo o processo, as duas perspectivas, que são essenciais para a prática docente, foram constantemente acompanhadas. Neste sentido, Paulo Freire diz que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (Freire, 1996, p.15).

Com base na concepção de prática docente apresentada por Freire, tanto na função de professora-pesquisadora quanto de pesquisadora-professora, nos dedicamos à elaboração desta pesquisa, mantendo uma reflexão científica contínua ao longo da prática pedagógica.

A relação entre educadora e educando, quando mediada pela literatura e pelo brincar, possibilita a criação de espaços de diálogo e reflexão sobre temas raciais. Assim, esta pesquisa busca entender como essa dinâmica se estabelece, reconhecendo que a experiência da docente não apenas enriquece a prática pedagógica, mas também oferece uma perspectiva valiosa para a investigação acadêmica. Acontecimentos e interações no ambiente escolar são, portanto, analisados sob a ótica da simultaneidade entre ensino e pesquisa, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das relações de raça e da importância da literatura na formação das crianças.

Neste contexto, a abordagem mais apropriada para a presente pesquisa é de natureza qualitativa, com ênfase na pesquisa-ação. Essa metodologia não apenas permite uma investigação aprofundada das dinâmicas envolvidas, mas também contribui para a



reflexão e aprimoramento da qualidade dos livros destinados às crianças, ao mesmo tempo em que destaca as produções de autorias negras presentes no mercado editorial.

A análise de dados exige uma percepção refinada que possa fundamentar adequadamente o conteúdo gerado durante a pesquisa. No contexto do grupo de pesquisa ÉreYá⁶, a metodologia que tem proporcionado suporte às investigações nesta fase específica é denominada de Análise Crítica das Narrativas e Atribuição de Sentido (ACNAS). As pesquisadoras Lucimar Rosa Dias, Lucia Helena Xavier e Valéria Pereira da Silva contribuem sobre essa metodologia afirma que

A ACNAS é uma produção coletiva que reitera a circularidade como um dos valores civilizatórios afro-brasileiros, e foi criada para ser um referencial teórico-metodológico que subsidiasse as pesquisas produzidas no grupo, cujo eixo suleador é o compromisso político com pessoas em desvantagem social, notadamente crianças e mulheres negras.(Dias, Xavier, Silvia,2025,p.5).

Essa metodologia foi concebida com o intuito de permitir uma exploração aprofundada das narrativas, possibilitando uma compreensão mais abrangente dos significados que emergem dos dados analisados. Por meio da ACNAS, buscamos não apenas interpretar narrativas, mas também atribuir sentidos que refletem as complexidades e nuances das experiências vivenciadas, contribuindo assim para um entendimento mais rico e contextualizado dos fenômenos em estudo.

Neste processo de investigação, a metodologia adotada para analisar as interações lúdicas envolveu o acompanhamento de crianças de 6 e 7 anos do 1º ano do ensino fundamental em uma escola pública de Curitiba-PR, durante o primeiro semestre de 2023. Nessa fase, foram revisitados diversos materiais produzidos, incluindo um diário de campo com 52 páginas de anotações, vídeos gravados que totalizaram 2 horas e 11 minutos de conversas e leituras de livros, além de fotografias, sendo 26 impressas e 30 digitais.

Ao entrar em contato com o material empírico, emergiram diversas sensações e questionamentos, os quais propiciaram a formulação de estratégias específicas para organizar e atribuir sentido ao conteúdo produzido. Essa abordagem reflexiva permitiu uma análise aprofundada das experiências das crianças, contribuindo para uma compreensão

⁶ Grupo de Estudos e Pesquisas coordenado pela professora Lucimar Rosa Dias. Surge em meados de 2017/2018 da necessidade de agregar as pesquisadoras orientadas pela professora Lucimar e as alunas da graduação na iniciação científica. O Grupo foi denominado ErêYá em referência à palavra Erê – que significa brincadeira – e Yá – forma diminuída de Yalorixá, que significa "mãe" – ambas de origem ioruba. Essas palavras estão em sintonia, pois criam um ponto entre o novo e o velho na perspectiva ancestral africana. A escolha do nosso nome representa a demarcação do horizonte das nossas ações como Grupo. Atualmente as atividades vinculadas ao ERÊYÁ estão relacionadas a estudos, pesquisas e práticas (extensão) interseccionais e focando, principalmente, em experiências educacionais que ocorrem em espaços escolares e não-escolares.



mais rica das dinâmicas de brincadeira e da interação com a literatura para as infâncias africana e afro-brasileira.

Para a análise e seleção dos livros, estabelecemos critérios específicos que orientaram a escolha de três obras. Priorizaram-se aquelas que apresentavam representatividade negra em suas ilustrações, de modo a proporcionar uma experiência estética rica em cores e elementos afro-brasileiros. Ademais, foram selecionados dois livros que incluíam fotografias dos autores e ilustradores, enquanto um livro foi escolhido sem essa informação. A seleção dos livros também baseia-se na experiência da professora pesquisadora, que também atua como contadora de histórias e possui um extenso acervo de obras com protagonistas negros. A escolha dos três livros estudados foi feita a partir de seu acervo pessoal, com a consciência de que essas obras também estão disponíveis na biblioteca da escola. Esses livros foram selecionados por apresentarem uma diversidade nas tonalidades de pele dos personagens, especificamente tons de pele negra.

A decisão de incluir apenas uma obra desprovida de imagens dos autores/as e ilustradores/as visou proporcionar às crianças a oportunidade de refletir sobre a influência da ausência de fotografias na sua relação com o livro. Essa abordagem permitiu investigar como a representação visual dos criadores impacta a experiência de leitura e a conexão emocional das crianças com as narrativas apresentadas.

O primeiro livro abordado com as crianças foi *O Mar de Manu*, escrito por Cidinha da Silva (2021) e ilustrado por Josias Marinho. A obra narra a história de um menino africano que vive em um país sem mar. Impulsionado pela curiosidade e pelo desejo inerente à infância, Manu encontra uma maneira de "pescar" as estrelas do céu, o que permite a ele relembrar as histórias contadas por seu povo e valorizar os saberes e as relações de seus ancestrais com as narrativas e a natureza.

A narrativa incorpora elementos específicos da África Ocidental e suas tradições, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre as culturas africanas. Um aspecto relevante desta obra é a maneira como o ilustrador Josias Marinho representa a pele dos personagens, o que enriquece a experiência estética e a identificação das crianças com os protagonistas da história.

O segundo livro apresentado foi *Olelê: uma antiga cantiga da África*, escrito por Fábio Simões (2015), com coordenação de Heloisa Pires Lima e ilustrações por Marilia Pirillo. Trata-se de uma narrativa musicada que resgata uma tradicional cantiga dos povos que habitam a região às margens do Rio Cassai, apresentada no livro na língua lingala.

A obra convida as crianças a ouvirem uma música que aborda o tema da coragem, pois, por meio dessa canção, o ancião da comunidade as orienta na travessia do rio durante



o período em que as águas sobem. Essa abordagem não apenas proporciona uma experiência sensorial enriquecedora, mas também enfatiza a importância das tradições orais e da música na cultura africana, promovendo uma conexão significativa entre as crianças e as práticas culturais dos povos africanos.

O terceiro e último livro apresentado foi *Chama o Sol, Matias!*, escrito por Sonia Rosa e ilustrado por Camilo Martins. A narrativa gira em torno de um menino chamado Matias, que clama pelo sol ao ver seus planos de brincar frustrados pela chuva. As ilustrações, elaboradas em tons fortes e vibrantes por Camilo Martins, evidenciam a identidade negra do protagonista e de sua família. A obra se caracteriza por um enredo dinâmico, enriquecido por rimas poéticas e divertidas que contribuem para o ritmo da narrativa. Essa combinação de elementos visuais e textuais não apenas capta a atenção das crianças, mas também promove a identificação e o reconhecimento da diversidade étnica nas histórias infantis, ressaltando a importância da representatividade na literatura voltada para a infância.

Serão apresentados os resultados da interação das crianças com o ato de brincar, analisando as relações étnico-raciais no contexto do movimento literário voltado para as infâncias. As três obras selecionadas para esta análise servirão como referência para compreender como a literatura pode influenciar e refletir essas dinâmicas sociais e culturais e raciais.

4. FRUTOS DA INTROSPECÇÃO E DIÁLOGOS ENRIQUECEDORES

É fundamental destacar que a presente pesquisa foi conduzida com crianças de 6 e de 7 anos, recém-ingressas no primeiro ano do ensino fundamental. Esse contexto é especialmente relevante, uma vez que é amplamente reconhecido que ocorre um significativo avanço nas atividades pedagógicas nesse período, especialmente em virtude da introdução ao processo de alfabetização. Entretanto, é importante ressaltar que, mesmo dentro do ambiente do ensino fundamental, essas crianças ainda estão vivenciando a infância. Portanto, a prática do brincar deve permanecer intrinsecamente associada às abordagens educacionais adotadas na sala de aula. Contribuindo para essa reflexão, Maria Aparecida Guedes Monção aponta o fato de

[...] pensarmos em como as crianças são tratadas nas escolas, em que o controle assume o lugar da educação impedindo suas manifestações, controlando seus corpos, excluindo a ludicidade e a imaginação e desconsiderando-as como protagonistas de seu processo de formação. Reafirma a importância da escuta atenta das crianças e suas manifestações, destacando capacidade política de lidar



com as questões que estão presentes em seu cotidiano para decidir junto com seus pares [...] (Monção, 2022, p. 152)

A pesquisadora enfatiza as maneiras pelas quais as crianças interagiram com o seus corpos e pensar no espaço de leitura e durante as atividades de mediação em sala de aula, bem como as implicações dessas interações no desenvolvimento da pesquisa. É importante salientar que em nenhum momento do processo houve a intenção de restringir as expressões naturais e espontâneas das crianças. Ao impor limitações sobre os corpos das crianças e restringir o jogo simbólico à imaginação, desconsidera-se o papel ativo que elas desempenham em seus processos de aprendizagem, bem como o seu potencial para serem agentes ativos em seus próprios desenvolvimentos.

O surgimento da categoria do Brincar reflete uma investigação aprofundada sobre o comportamento lúdico das crianças durante a audição de histórias que abordam as relações étnico-raciais. Essas narrativas são consideradas uma ferramenta significativa para fomentar o diálogo entre as crianças e suas percepções acerca da diversidade étnico-racial.

É fundamental ressaltar que, ao propor o momento de leitura para as crianças, não foram estabelecidas regras rígidas de postura a serem seguidas. Em outras palavras, as crianças não foram instruídas a permanecer sentadas em locais previamente designados, nem foram impedidas de realizar inferências durante a leitura conduzida pela pesquisadora-professora. O único aspecto delimitado foi o espaço, que consistia em um semicírculo no centro da sala de aula, onde as próprias crianças tinham a liberdade de escolher como se sentar, deitar ou se posicionar próximas àqueles com quem desejavam interagir. Essa autonomia permitiu observar os movimentos corporais das crianças durante as narrativas, bem como as interações entre elas. É importante considerar que, em uma pesquisa com crianças, é necessário levar em conta não apenas as palavras proferidas, mas também os gestos e movimentos corporais que manifestam suas reações durante a interação com a história apresentada.

A primeira ação que ganha destaque logo nas primeiras páginas lidas do livro *O Mar de Manu* é a conversa entre duas crianças brancas, aqui identificadas como cientista⁷ nº 3 e cientista nº 11, descritas a seguir:

⁷As crianças que participaram da pesquisa, por não poderem ser identificadas, optaram por serem reconhecidas como "cientistas". Cada uma delas escolheu um número para representar sua identidade ao longo do estudo, reafirmando assim sua escolha e protagonismo no processo de pesquisa. A identidade racial das crianças foi realizada por heteroclasseificação, e levamos em consideração os aspectos fenotípicos a exemplo do que ocorrem nas bancas de autodeclaração da Universidade Federal do Paraná, normatizadas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. RESOLUÇÃO N°20/17 – CEPE. "Art. 4º – Para validar o termo de autodeclaração de candidatos às vagas reservadas aos candidatos PP, será considerado único e exclusivamente o fenótipo negro como base para análise e validação, excluídas as considerações sobre a ascendência. § 1º – Entende-se por fenótipo o conjunto de características físicas do indivíduo,



Cientista nº 11: “por que eles são assim desse jeito?”

Cientista nº 3: “ué, eles são iguais à nossa professora, você não pode falar assim!”.

Cientista nº 11: “não é isso, eles são diferentes”.

Após o diálogo, o cientista nº 11 passa a procurar as crianças negras na sala e coloca o braço do lado de outras crianças comparando os tons de pele. Ele não fala com as crianças, pois elas estão focadas na escuta da história. A reação da criança é muito importante, pois ela foi mobilizada pela ilustração. Não é incomum que crianças fiquem intrigadas quando se deparam com pessoas negras de cor retinta no Brasil, pois, devido à miscigenação, brasileiras/os negras/os têm, em comparação às outras populações negras, a cor de pele mais clara. Muitas/os profissionais da educação evitam o tema da cor da pele entre crianças desta idade, porque dizem que elas não estão atentas a este marcador. O que verificamos é justamente o contrário! Elas estão atentas, querem saber e conversar sobre o tema.

É relevante mencionar que, para o cientista nº3, o cientista nº11 demonstra uma rejeição em relação à cor da pele dos personagens. Para ele, a maneira como a pergunta foi formulada é interpretada como uma manifestação de preconceito. Em decorrência disso, ele repreende o colega, enfatizando que a professora também pertence àquela mesma cor, mesmo que ambos não compartilhem do mesmo tom de pele uma vez que o pesquisador possui pele clara, enquanto os personagens são de pele escura. Essa situação evidencia a compreensão de que os personagens são percebidos como pertencentes ao mesmo grupo étnico, caracterizando-se todos como negros.

Quando uma criança se depara com ilustrações de personagens de pele retinta em um livro e, de maneira instintiva, compara sua própria pele com a dos colegas, ela não está apenas processando informações visuais; está também estabelecendo uma conexão entre essa representação visual e sua própria identidade e posição no mundo. Conforme afirmado por Cristina Teodoro (2020, p. 128), “o corpo é uma das ferramentas mais importantes que a criança possui, sendo seu meio de mobilidade e comunicação”.

Outro momento que se destacou durante a leitura e a atividade lúdica foi a música *Olelê*, uma antiga cantiga africana. A proposta de brincar enquanto a história apresentava a canção sobre a travessia do rio proporcionou um envolvimento significativo das crianças. Elas se agrupavam como se estivessem em um barco, cantando a canção. O ritmo da

predominantemente a cor da pele, a textura do cabelo e os aspectos faciais, que, combinados ou não, permitirão validar ou invalidar a autodeclaração. § 2º – As características fenotípicas descritas no parágrafo anterior são as que possibilitam, nas relações sociais, o reconhecimento do indivíduo como preto ou pardo.



música era suave, criando um ambiente acolhedor para as crianças. No entanto, duas crianças não participaram da brincadeira.

As cientistas nº5 e nº 9 se dirigiram a uma parte da sala onde ainda podiam visualizar as ilustrações do livro e ouvir a história. A cientista nº5, uma criança branca com cabelos longos e loiros, e olhos azuis, sentou-se de pernas cruzadas. A cientista nº 9, uma criança negra com cabelos crespos e olhos castanhos, deitou a cabeça no colo da amiga. Nesse momento, elas cantaram a canção, e a cientista nº5 acariciou o cabelo da amiga com ternura, sorrindo e afirmando: "eles se parecem com você". Assim que a música terminou, ambas se deitaram de barriga no chão, balançando as pernas com expressões de alegria.

Esse foi um momento singular, que pessoas engajadas na luta contra o racismo desejam que se repita com frequência. A criança negra foi acolhida e afeições foram expressas em relação a seus aspectos físicos, especialmente o cabelo, que se tornaram objetos de carinho, e não de discriminação ou preconceito. Não é trivial que o gesto de afeto tenha sido realizado por uma criança branca que reconhece e valoriza a beleza negra. Se aplicarmos a categoria proposta por Lourenço Cardoso (2010), essa menina atuou sob a perspectiva da branquitude crítica, pois não apenas reconhece o valor da criança negra, mas também expressa isso de maneira contundente.

Por meio da leitura do livro *Olelê*, foi possível promover um movimento que reconfigura a hierarquia social, permitindo que uma criança branca reconheça a beleza de sua amiga negra e que esta tenha referências positivas que a respaldam. Diante desse momento significativo de afeto proporcionado pela leitura, é pertinente recordar a afirmação de bell hooks⁸ (2021, p. 42), que declara que "só o amor pode curar as feridas do passado". O gesto simples de troca de afeto entre uma criança negra e uma criança branca, catalisado pela leitura de um livro que destaca o protagonismo negro, revela a possibilidade de desenvolver estratégias e experiências enriquecedoras entre as crianças. Essas interações têm um potencial significativo para combater o racismo desde a infância.

A corporeidade abrange a forma como nos relacionamos com nossos corpos, como isso impacta nossa autoimagem e autoestima e em como nossas experiências corporais moldam nossa percepção do mundo. Observamos que, ao longo das atividades, a cientista nº9 demonstrou uma preferência pelo mencionado livro, pois este marca sua experiência de maneira positiva. Foi durante a leitura desse livro que ela pôde vivenciar a sensação de

⁸ A pesquisadora e feminista negra bell hooks, cujo nome de nascimento é Gloria Watkins, opta por assinar seus textos em letras minúsculas. hooks defende que sua identidade não deve ser reduzida a um nome e que sua obra não deve ser avaliada apenas com base em sua assinatura. Em respeito a suas solicitações, mantenho a escrita do seu nome em letras minúsculas.



ser apreciada, acarinhada e valorizada em função de seus marcadores étnico-raciais. Isso contrasta significativamente com os inúmeros relatos encontrados em pesquisas sobre educação étnico-racial e infância, em que crianças negras frequentemente enfrentam interações negativas por parte de crianças brancas.

O que se destaca no processo da pesquisa, e especificamente nesta categoria, é a percepção de que as relações relacionadas ao corpo são positivas. O diálogo e a interação com o corpo negro são permeados por afeto, estimulados pela presença de personagens negras representadas de maneira positiva. Essas representações contribuem para a desconstrução de estereótipos negativos associados à imagem da pessoa negra, promovendo interações benéficas entre crianças negras e brancas (Sara Silva Pereira, Lucimar Rosa Dias, 2020).

De acordo com Azoilda Loretto da Trindade (2005, p. 34), dentro de uma lógica dos valores civilizatórios afro-brasileiros, é fundamental "valorizar os nossos corpos e os de nossas crianças como possibilidades de construções e produções de saberes e conhecimentos coletivizados e compartilhados". Portanto, livros destinados à infância que apresentam ilustrações de corpos negros de forma positiva são essenciais para essa lógica.

5. O EPÍLOGO DO PERCURSO

As análises realizadas ao longo deste artigo evidenciam que o ato de brincar e movimentar o corpo são essenciais para a construção de experiências significativas de conexão com as narrativas que enfatizam o protagonismo negro em livros destinados à infância. Essas interações não apenas enriquecem a apreensão das histórias, tornando-as mais intensas e menos restritivas, mas também promovem uma aprendizagem integral que abrange dimensões corporais, afetivas e cognitivas. Por meio da incorporação do movimento e do jogo, as crianças são capazes de vivenciar as narrativas de maneira mais profunda, o que não só facilita a compreensão das histórias, mas também potencializa a formação de vínculos afetivos com os personagens e as mensagens que elas transmitem.

Além disso, ao permitir que as crianças se envolvam ativamente com as narrativas, essas experiências contribuem para a formação de uma consciência crítica sobre a diversidade étnico-racial. O reconhecimento do protagonismo negro nas histórias lidas não apenas valida as identidades das crianças negras, mas também promove uma discussão mais ampla sobre a igualdade e a inclusão, favorecendo a valorização das identidades negras e a desconstrução de estereótipos prejudiciais. Assim, o ato de brincar e a



movimentação do corpo se mostram como ferramentas poderosas para a educação antirracista, proporcionando um espaço de aprendizado que é tanto lúdico quanto transformador.

Portanto, é imperativo que educadores e responsáveis pela seleção das literaturas para as infâncias reconheçam a importância de integrar livros que representem positivamente o protagonismo negro. A adoção de uma abordagem que valorize a literatura para as infâncias, especialmente em um contexto que promove a diversidade cultural e étnica, é fundamental para que todas as crianças possam se ver refletidas nas histórias. Ao fomentar um ambiente de aprendizado inclusivo e enriquecedor, podemos não apenas contribuir para o desenvolvimento integral das crianças, mas também preparar uma nova geração que valoriza a diversidade e luta contra as desigualdades raciais. A literatura, portanto, torna-se uma ferramenta vital na formação das crianças de forma crítica e consciente, capaz de reconhecer e respeitar as diferenças.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, v. 8, n. 1, p. 607-630, 2010.

COSTA, Samara da Rosa. “**Profe, deixa eu falar?**”: o que dizem crianças negras e não negras do 1º ano do ensino fundamental sobre histórias, ilustrações e autores(as) de livros de literatura para as infâncias de temática afro-brasileira e africana. 155 f
Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2024.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para criança e jovens**: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

DIAS, Lucimar Rosa; XAVIER, Lucia Helena; SILVA Valéria Pereira da. **Mojú-Mô – Análise crítica de narrativas e atribuição de sentidos (ACNAS)**: o grupo de pesquisa Erêyá empretecendo a metodologia científica. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 18, n. 00, e025012, 2025. e-ISSN: 1982-8632. DOI: 10.26843/ae.v18i00.1356.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. As crianças de 6 anos no Ensino Fundamental: avanço ou desrespeito aos direitos das crianças e às infâncias? In: FRIEDMANN, Adriana



et al. (orgs.). **Olhares para as crianças e seus tempos**. São Paulo: Editora Passarinho, 2022.

SILVA PEREIRA, Sara; DIAS, Lucimar Rosa. Entre Colos e Afetos: a hora e a vez dos bebês na literatura infantil de temática da cultura AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 33, p. 178-196, 2020.

TEODORO, Cristina. A constituição de corpos negros em espaços de educação infantil: o lugar da identidade e do pertencimento étnico-racial. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 12, n. 33, p. 110-133, 2020.

TRINDADE, Azoilda. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Valores afro-brasileiros na educação**. Coleção Salto para o Futuro. Brasília, 2005, p. 30-36.

